

## CAPÍTULO 7

# METODOLOGIAS VISUAIS E AUTORIA SURDA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: PRÁTICAS DE PESQUISA DESENVOLVIDAS POR PESQUISADORES SURDOS



<https://doi.org/10.68044/8dxyqc97>

Valdicley Pereira Campos <sup>1</sup>

*Graduando em Licenciatura em Letras Libras/Português pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Graduado em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), em 2016. Especialista em Libras e Educação para Surdos pela Universidade Pitágoras Unopar.*



Mauricio Damasceno Souza <sup>2</sup>

*Mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professor efetivo do Instituto de Letras da UFBA.*



Ivanildo de Medeiros Oliveira <sup>3</sup>

*Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS).*



Deonísio Schmitt <sup>4</sup>

*Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina.*



André Daniel Paixão <sup>5</sup>

*Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*



**RESUMO:** Este artigo discute metodologias visuais e autoria surda na produção do conhecimento científico, com ênfase em práticas de pesquisa que reconhecem a Libras, a visualidade e a experiência surda como dimensões epistemológicas. A partir de revisão bibliográfica qualitativa de estudos sobre epistemologias surdas, produção acadêmica em Libras, vídeo-registros, acessibilidade científica, formação de pesquisadores e documentação linguística, analisa-se como recursos multimodais podem ampliar a participação de sujeitos surdos na universidade brasileira contemporânea atual. O debate evidencia que vídeos, registros sinalizados, escrita de sinais, glossários, corpora, ambientes digitais e estratégias de validação comunitária não funcionam apenas como recursos de acessibilidade, mas podem integrar o próprio desenho metodológico das investigações. Os estudos também apontam barreiras decorrentes da centralidade da língua portuguesa escrita e da permanência de práticas oralizadas. Conclui-se que reconhecer pesquisadores surdos como agentes epistêmicos fortalece autoria, autonomia acadêmica, circulação científica e construção de metodologias coerentes com a natureza visual-espacial da Libras.

**Palavras-chave:** Metodologias visuais; Autoria surda; Produção científica; Libras.

## INTRODUÇÃO

A presença de estudantes, docentes e pesquisadores surdos no ensino superior brasileiro amplia uma questão que ultrapassa o acesso físico às instituições: quem pode produzir conhecimento, em que língua, por quais meios e segundo quais formas de registro e validação? Quando a investigação científica é organizada quase exclusivamente pela língua portuguesa escrita, pela oralidade e por convenções pensadas para textos lineares, a participação de sujeitos cuja experiência linguística se estrutura prioritariamente pela Libras e pela visualidade pode permanecer condicionada a adaptações posteriores. Nesse cenário, discutir metodologias visuais significa

examinar não apenas recursos didáticos ou formas de apresentação, mas decisões epistemológicas capazes de interferir na produção dos dados, na autoria, na análise e na circulação do conhecimento.

A literatura selecionada para este artigo evidencia que a visualidade não pode ser reduzida a ilustração, imagem decorativa ou estratégia auxiliar. Silva *et al.* (2026, p. 2) sustentam que as epistemologias surdas deslocam a compreensão da surdez do paradigma centrado na deficiência para uma perspectiva linguística, cultural e visual-espacial. Nessa direção, os autores afirmam que “a língua de sinais é o núcleo ontológico da identidade surda”, formulação que situa a Libras como constitutiva da elaboração de sentidos e da própria produção do conhecimento. Assim, a experiência visual torna-se elemento de uma racionalidade linguística e cultural que precisa ser considerada desde o planejamento da pesquisa, e não somente na etapa de divulgação de resultados.

Outros estudos problematizam as condições institucionais para que tais práticas se efetivem. Santos *et al.* (2024, p. 1-2) relatam uma ação de extensão voltada exclusivamente a graduandos e pós-graduandos surdos, com conteúdo produzidos de forma autêntica e organizados em Libras e português escrito. Lira e Viana (2023, p. 1-2) apresentam um vídeo tutorial em Libras sobre a submissão de projetos à Plataforma Brasil, destacando que pesquisadores surdos também precisam acessar, em sua língua, procedimentos éticos e burocráticos

da investigação. Gomides *et al.* (2022, p. 195-196) observam que a divulgação científica em Libras ainda ocorre de maneira fragmentada nos repositórios e periódicos examinados, enquanto De Cicco e Silva (2025, p. 106-120) registram duas décadas de iniciativas de educação científica para surdos, incluindo cursos experimentais, glossário científico, mídias visuais e formação de jovens com potencial de inserção na pesquisa científica e tecnológica.

As barreiras, contudo, não são apenas técnicas. Barbosa e Francisco Junior (2025, p. 1, 7-8), a partir de pesquisa autobiográfica, descrevem a transição de um pesquisador-estudante surdo da graduação para a pós-graduação e mostram que a centralidade da língua portuguesa escrita pode produzir dificuldades na leitura, na escrita e na socialização acadêmica, ao mesmo tempo em que o percurso formativo favorece a construção de autonomia. Batti, Stumpf e Luchi (2025, p. 6, 15) incorporam a experiência de uma pesquisadora surda como parte da produção e interpretação dos dados, demonstrando que a experiência situada pode assumir estatuto metodológico quando é explicitada, documentada e analisada criticamente.

Diante desse conjunto de questões, o objetivo deste artigo é discutir como metodologias visuais e práticas de autoria surda contribuem para reconfigurar a produção do conhecimento científico, especialmente em contextos nos quais a Libras, o vídeo, a

multimodalidade e a experiência de pesquisadores surdos integram o percurso investigativo. O texto baseia-se em revisão bibliográfica qualitativa de doze artigos publicados entre 2018 e 2026, selecionados por sua relação com metodologias visuais, autoria surda, produção acadêmica em Libras e participação de pesquisadores surdos em processos de investigação científica. A análise foi organizada em cinco eixos: epistemologias e autoria; visualidade e produção de dados; escrita acadêmica em Libras e vídeo-registro; acesso e circulação do conhecimento; e autonomia de pesquisadores surdos. A intenção não é estabelecer um modelo único de pesquisa, mas identificar princípios que permitam compreender a visualidade como componente epistemológico e metodológico da ciência produzida com, por e para comunidades surdas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As epistemologias surdas oferecem uma chave teórica para compreender por que a adoção de metodologias visuais não deve ser tratada como concessão de acessibilidade. Silva *et al.* (2026, p. 3-5) definem as epistemologias surdas como formas próprias de produzir conhecimento e interpretar o mundo, construídas a partir de experiências linguísticas e culturais que deslocam o foco do déficit auditivo para a diferença. Nesse movimento, a experiência visual deixa de ocupar posição secundária e passa a constituir uma matriz de

subjetivação, leitura do mundo e construção de saberes. A consequência para a pesquisa é significativa: métodos científicos que ignoram a modalidade visual-espacial podem limitar as formas pelas quais participantes e pesquisadores surdos formulam, registram e comunicam seus conhecimentos.

A relação entre língua, autoria e conhecimento manifesta-se quando a Libras é assumida como língua de elaboração conceitual. Não se trata apenas de traduzir um produto já pronto em português, mas de permitir que a investigação seja pensada, discutida e registrada em uma língua visual-espacial. Esse princípio altera a lógica tradicional de adaptação. Em vez de produzir primeiro para um público ouvinte e converter posteriormente o material, o desenho da pesquisa pode nascer bilíngue e multimodal, com escolhas específicas para vídeo, espaço de sinalização, enquadramento, glossários, recursos gráficos e circulação digital. A autoria surda, nesse sentido, está vinculada à capacidade de decidir sobre esses componentes e de produzir significados a partir deles.

Borges e Alves (2024, p. 63-68) contribuem para essa discussão ao analisar uma obra verbo-visual de autoria de um artista surdo, composta por recursos imagéticos e escrita de sinais. As autoras identificam a coexistência do autor-pessoa e do autor-criador e observam que o “eu” surdo aparece como sujeito social no processo de construção dos sentidos. Embora o objeto seja artístico, a

contribuição metodológica alcança a pesquisa acadêmica: materiais visuais não são neutros, pois organizam vozes, perspectivas, escolhas e posições. A imagem, o SignWriting e a composição verbo-visual podem constituir unidades de análise e formas de enunciação, exigindo do pesquisador instrumentos capazes de preservar sua materialidade e seu funcionamento discursivo.

Nesse ponto, a pesquisa autobiográfica discutida por Barbosa e Francisco Junior (2025, p. 1, 7-8) acrescenta outra dimensão. O estudante-pesquisador surdo não aparece apenas como participante de um estudo conduzido por terceiros; sua trajetória, registrada em diários de campo, constitui fonte para compreender barreiras e aprendizagens na graduação e na pós-graduação. O estudo identifica a cultura surda e a construção da autonomia acadêmica como núcleos de análise e mostra que a experiência do pesquisador pode produzir conhecimento sistematizado sobre a universidade. A experiência pessoal, quando inserida em procedimentos reflexivos de registro e análise, não se opõe ao rigor científico; ela pode evidenciar aspectos institucionais e linguísticos que abordagens externas dificilmente alcançariam com a mesma densidade.

A perspectiva identitária discutida por Batti, Stumpf e Luchi (2025, p. 4-5) permite ainda compreender a comunidade surda para além de uma condição sensorial. Ao retomarem estudos do campo, os autores destacam que a comunidade se constitui por vínculos

linguísticos, objetivos compartilhados e formas de ação coletiva. Para este artigo, o ponto central é que a produção científica de pesquisadores surdos se insere em redes linguísticas, culturais e acadêmicas; por isso, a pesquisa visual não pode ser pensada apenas como técnica individual, mas também como prática situada em comunidades de uso, interlocução e validação. Essa perspectiva reforça que autoria científica envolve pertencimento, posicionamento e responsabilidade na construção dos sentidos produzidos pela investigação.

A visualidade adquire contornos metodológicos mais precisos quando o objeto de pesquisa é produzido em língua de sinais. Mendes (2026, p. 1-2) observa que corpora sinalizados dependem de registros em vídeo, imagens, sinalários, glossários multimodais, materiais didáticos, redes sociais e outras fontes nas quais a língua circula visualmente. O dado, portanto, não pode ser integralmente reduzido a transcrição verbal. Uma glosa, uma tradução para o português ou uma descrição escrita são representações analíticas úteis, porém parciais, porque não reproduzem integralmente simultaneidade, movimento, espacialidade, expressões não manuais e relações construídas no espaço de sinalização.

Nesse contexto, a escolha das ferramentas precisa responder às propriedades do fenômeno investigado. Ao explicar o uso do ELAN em sua arquitetura metodológica, Mendes registra:

A escolha por trabalhar com os dados videográficos integrando-os ao ELAN se deve à sua compatibilidade com materiais audiovisuais e à capacidade de organizar anotações em trilhas temporais. No contexto da Libras, o ELAN possibilita manter a simultaneidade e a espacialidade dos sinais, criando camadas específicas para mão direita, mão esquerda, comentários do transcritor, tradução para o português e glosa grafadas em maiúsculo. Dessa forma, a ferramenta não só torna a transcrição possível, mas também impede que a visualidade dos dados seja limitada a uma simples equivalência verbal (Mendes, 2026, p. 15).

A discussão de Santos Neto e Salvadori (2026, p. 1, 4-5) evidencia limites concretos para a implementação dessas propostas. Em pesquisa qualitativa sobre práticas escolares, os autores utilizaram observação não participante, entrevistas semiestruturadas, análise documental e grupo focal móvel por WhatsApp, envolvendo também estudantes surdos e tradutores-intérpretes. Os resultados evidenciaram uma distância entre o discurso favorável às metodologias visuais e práticas ainda fortemente centradas na oralidade. A contribuição para o campo da pesquisa é dupla: de um lado, demonstra a relevância de combinar diferentes técnicas de produção de dados; de outro, alerta que afirmar a importância do visual não garante, por si só, um desenho efetivamente visual.

Outro aspecto decisivo é a validação comunitária. Mendes (2026, p. 21) descreve uma etapa em que professores surdos da área de matemática analisam repertórios previamente documentados. O autor enfatiza que esses participantes não são chamados para criar

artificialmente sinais nem para preencher lacunas definidas a partir do português. A intenção é avaliar formas em circulação segundo critérios como inteligibilidade, recorrência, adequação conceitual, circulação e potencial pedagógico. O texto formula essa posição de maneira explícita:

O mais importante nessa fase é entender que não é concebida com o intuito de requerer que os professores “inventem” sinais artificialmente, como tem ocorrido em alguns projetos de levantamento terminológico atuais. Os participantes não são convocados a criar sinais para suprir questões lacunares definidas pela língua portuguesa ou por demandas institucionais. Em outra direção, a proposta é a de avaliar repertórios documentados, considerando inteligibilidade, recorrência, adequação conceitual, circulação e potencial pedagógico, o que reconhece os professores Surdos como agentes epistêmicos e não como informantes convocados para preencher lacunas lexicais desconsiderando a complexidade linguístico-identitária que a língua carrega e seu funcionamento sociocultural (Mendes, 2026, p. 21).

A produção acadêmica em Libras evidencia de modo particularmente claro a diferença entre traduzir um texto pronto e construir conhecimento em uma língua de sinais. Taveira e Rosado (2018, p. 498-499) descrevem um processo de elaboração de monografias que envolve glosas, glossinais, definição de termos acadêmicos, filmagem-rascunho, gravação em estúdio, edição, recursos de citação e organização visual. O trabalho científico em vídeo exige, portanto, competências linguísticas, metodológicas e

técnicas que não aparecem da mesma forma em um documento exclusivamente escrito.

Ao refletirem sobre o caráter bilíngue desse processo, os autores assinalam:

Portanto, não é somente por se gerar um encarte em língua portuguesa que o DVD da monografia em Libras se define na esfera do bilinguismo, mas por todo o processo de orientação que se inicia com a leitura e reordenamento de construções do pensamento em duas línguas, do uso de glosas e glossinais, até o produto final em Libras, no formato vídeo, com outra aparência, estética e possibilidades de leitura de textos visuais. Esta experiência visual propicia ao surdo e ao não-surdo bilíngue desenhar ou (re)inventar a Educação Bilíngue no mundo acadêmico, sendo um dos desafios a produção de seus trabalhos científicos (Taveira; Rosado, 2018, p. 526).

Barros e Souza (2023, p. 265-266) avançam nessa discussão ao propor o resumo expandido em Libras como gênero capaz de ampliar o acesso de pesquisadores surdos à produção acadêmica. Os autores utilizam interpretação hermenêutica e destacam que tradução, filmagem e divulgação demandam técnica específica. A proposta busca reduzir a distância entre materiais acadêmicos em português e sua circulação em Libras sem assumir que qualquer vídeo sinalizado seja, por si só, produção científica adequada. A qualidade depende de escolhas terminológicas, revisão linguística, estrutura do gênero e condições de gravação.

A existência de normas acadêmicas majoritariamente voltadas à escrita em português aparece como problema estrutural. Barros e Souza registram:

Com alcance em todo território nacional, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estipula diretrizes de formatação a serem aplicadas às produções de artigos, dissertações e teses em texto escrito, de maneira uniforme e sistemática. No entanto, não há ainda por meio dessa instituição, ou de alguma outra com alcance nacional, uma mesma série de normativas que regule os trabalhos acadêmicos quando o texto é sinalizado em Libras (Barros; Souza, 2023, p. 267).

A terminologia também ocupa lugar central. Basílio (2007, p. 55 *apud* Barros; Souza, 2023, p. 282) distingue o sinal, relacionado às necessidades da língua comum, do sinal-termo, destinado a representar e conceituar vocábulos de áreas especializadas. Para a pesquisa científica, essa distinção evidencia que a expansão da Libras em diferentes campos de conhecimento depende de processos de documentação, debate conceitual e circulação comunitária. Novos termos não devem ser tratados como equivalentes automáticos de palavras em português; precisam estar associados à compreensão do conceito e ao uso que se estabiliza entre os usuários.

A autoria científica depende do acesso aos procedimentos que estruturam a vida acadêmica, além de condições para escrever ou sinalizar resultados. Santos *et al.* (2024, p. 1-2) abordam esse problema por meio de um curso de extensão sobre Currículo Lattes

destinado exclusivamente a graduandos e pós-graduandos surdos. A proposta foi mediada por tecnologias digitais e fundamentada em metodologias ativas, Pedagogia Visual e estratégias de leitura acessível. Um aspecto relevante é que os conteúdos foram produzidos de forma autêntica, e não simplesmente adaptados de materiais prévios, considerando a necessidade de acesso à informação e à produção textual em Libras e em português escrito.

Lira e Viana (2023, p. 1-2, 7-9) tratam de outra etapa decisiva da formação do pesquisador: a submissão de projetos ao sistema de ética em pesquisa. As autoras produziram um vídeo tutorial em Libras baseado no Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil e adotaram princípios do Design Instrucional. A iniciativa parte do reconhecimento de que estudantes surdos também ingressam na pós-graduação e desenvolvem pesquisas com seres humanos, de modo que a ausência de orientação acessível sobre procedimentos éticos e burocráticos pode converter uma exigência institucional em barreira linguística. O tutorial, portanto, não é apenas material didático; integra uma política de acesso às práticas formais da investigação.

A circulação do conhecimento é, contudo, um ponto ainda frágil. Gomides et al. (2022, p. 195-196) analisam repositórios, periódicos e materiais acadêmicos e observam que a socialização da produção científica em Libras ocorre de maneira fragmentada. Os autores identificam iniciativas que incluem resumos ou trabalhos em

vídeo, mas destacam que elas não constituem prática generalizada. Na análise apresentada nas páginas 206-209, periódicos e repositórios exibem níveis distintos de incorporação da Libras, o que revela que a disponibilidade técnica do vídeo não garante a adoção sistemática de políticas linguísticas para divulgação científica.

A produção de resumos em Libras, os repositórios de vídeo, os tutoriais acessíveis, os cursos de formação e as mídias científicas visuais podem funcionar como estratégias complementares. Barros e Souza (2023, p. 283) relatam a criação de um repositório de produção acadêmica acessível em Libras e português, enquanto Taveira e Rosado (2018, p. 499) associam a expansão de acervos digitais sinalizados a uma memória visual da comunidade. Em conjunto, esses estudos sugerem que a circulação científica em Libras depende tanto de infraestrutura quanto de reconhecimento institucional: é necessário armazenar, indexar, descrever, citar e preservar materiais sinalizados para que eles possam integrar de forma duradoura a comunicação científica.

A experiência de vinte anos do Projeto Surdos-UFRJ, sistematizada por De Cicco e Silva (2025, p. 107-109), amplia essa discussão ao mostrar que o acesso ao conhecimento científico exige continuidade institucional. Os autores registram cursos experimentais, glossário científico em Libras, laboratórios didáticos, adaptação de mídias visuais, notícias científicas acessíveis e parcerias para

formação de educadores surdos. O conjunto dessas ações evidencia que a aproximação entre jovens surdos e as áreas científicas não depende de uma única tecnologia ou atividade isolada. Ela envolve língua de instrução, desenvolvimento terminológico, experimentação, visualidade e oportunidades concretas de participação em ambientes de ciência. Para o debate sobre autoria surda, essa trajetória é relevante porque desloca a pessoa surda da condição de público que recebe divulgação científica para uma posição em que pode apropriar-se de procedimentos, formular perguntas e projetar percursos profissionais na pesquisa científica e tecnológica. Assim, formação e circulação do conhecimento constituem etapas da própria construção de comunidades de pesquisadores.

A discussão sobre autoria não pode ser separada das condições concretas de permanência e participação no ensino superior. Barbosa e Francisco Junior (2025, p. 7) mostram que, durante a graduação em contexto bilíngue, a possibilidade de realizar atividades em vídeo ou em português escrito, a presença de docentes com domínio de Libras e o contato com outros estudantes surdos favoreceram a aprendizagem. Na pós-graduação, entretanto, a intensificação de leituras acadêmicas extensas e a centralidade do português escrito produziram novos desafios. O estudo não reduz esse percurso a uma narrativa de dificuldade: as experiências também ampliaram

conhecimentos, práticas de pesquisa e autonomia do estudante-pesquisador.

A experiência relatada por Batti, Stumpf e Luchi (2025, p. 15) reforça a importância de considerar a posição do pesquisador em relação ao fenômeno investigado. Ao analisar um processo seletivo do qual uma das autoras participou como candidata surda, o estudo aproxima documentação institucional e narrativa da pesquisadora. Essa combinação evidencia que determinados mecanismos de exclusão podem ser compreendidos tanto pela leitura formal das regras quanto pelos efeitos concretos que produzem sobre sujeitos específicos. Para pesquisas desenvolvidas por pesquisadores surdos, a proximidade com o objeto não precisa ser escondida; ela deve ser metodologicamente declarada e submetida a procedimentos de análise capazes de distinguir experiência, documento, interpretação e argumento.

Nesse sentido, a contribuição de Mendes (2026, p. 21-24) é particularmente relevante: reconhecer professores surdos como agentes epistêmicos implica considerá-los capazes de avaliar o próprio repertório linguístico e seus usos especializados. Esse princípio pode ser ampliado para outros desenhos de pesquisa. Entrevistas em Libras, grupos focais sinalizados, oficinas de validação, análise colaborativa de vídeos e revisão comunitária são possibilidades que redistribuem

parte da autoridade interpretativa sem eliminar a responsabilidade do pesquisador pela sistematização dos resultados.

Em conjunto, essas experiências mostram que a autonomia acadêmica se fortalece quando a Libras, a visualidade e a participação de pesquisadores surdos são incorporadas ao desenho da investigação, à produção dos dados e à circulação dos resultados. O ponto central não é substituir procedimentos consolidados apenas por sua forma visual, mas ampliar os critérios de rigor para que a materialidade visuoespacial, a experiência situada e a validação comunitária possam integrar legitimamente a pesquisa científica.

Do ponto de vista metodológico, os estudos analisados também indicam que o rigor de uma pesquisa visual não decorre apenas da presença de vídeos, imagens ou recursos digitais. Mendes (2026, p. 15, 21) explicita procedimentos de organização, anotação e validação do material videográfico; Santos Neto e Salvadori (2026, p. 1, 4-5) combinam observação, entrevista, documentos e interação móvel; e Barbosa e Francisco Junior (2025, p. 1) utilizam a autobiografia e os diários de campo para produzir dados sobre a trajetória de um pesquisador-estudante surdo. São desenhos distintos, mas todos tornam visíveis as relações entre técnica, língua, posição do pesquisador e forma de registro. Esse aspecto é central para evitar que “metodologia visual” seja empregada como rótulo genérico. Em pesquisas com participantes ou pesquisadores surdos, a escolha

metodológica precisa indicar como a Libras participa da produção e da análise dos dados, como os registros audiovisuais são preservados, quais mediações linguísticas ocorrem e de que maneira a interpretação é validada. A explicitação dessas decisões fortalece a transparência e a possibilidade de avaliação crítica do percurso investigativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos estudos selecionados permite compreender que metodologias visuais e autoria surda não constituem temas paralelos. A possibilidade de pesquisadores surdos exercerem autoria científica depende, em grande medida, de métodos capazes de reconhecer a Libras e a visualidade como formas legítimas de produção, registro e comunicação do conhecimento. Quando o vídeo é tratado como dado primário, quando instrumentos podem ser apresentados e respondidos em Libras, quando a validação envolve especialistas surdos e quando a divulgação científica inclui produtos sinalizados, o pesquisador surdo deixa de ocupar apenas a posição de informante ou destinatário de adaptações.

Os trabalhos de Mendes (2026), Taveira e Rosado (2018) e Barros e Souza (2023) mostram que a modalidade visual-espacial exige procedimentos específicos para documentação, anotação, filmagem, citação, edição e terminologia. Esses procedimentos não diminuem o rigor da pesquisa; ao contrário, tornam explícitas decisões

que em textos escritos muitas vezes são naturalizadas. Preservar o vídeo como fonte, desenvolver convenções para textos acadêmicos sinalizados e documentar sinais-termo em circulação são exemplos de como o rigor pode ser construído a partir das propriedades da Libras.

A literatura também evidencia que visualidade sem participação não é suficiente. Silva *et al.* (2026), Barbosa e Francisco Junior (2025) e Batti, Stumpf e Luchi (2025) chamam atenção para autonomia, experiência situada e protagonismo. A autoria surda se fortalece quando pesquisadores podem formular problemas, interpretar dados e participar das decisões que definem o que será considerado conhecimento válido. Nesse processo, narrativas autobiográficas e experiências do próprio pesquisador podem constituir dados, desde que sejam explicitamente situadas, documentadas e articuladas a procedimentos de análise.

No campo da formação e da circulação científica, Santos et al. (2024), Lira e Viana (2023), Gomides *et al.* (2022) e De Cicco e Silva (2025) demonstram que o acesso à ciência envolve múltiplas etapas: aprender a operar instrumentos institucionais, conhecer procedimentos éticos, registrar a produção acadêmica, acessar conteúdos científicos e encontrar meios de publicar e compartilhar resultados. A acessibilidade precisa acompanhar todo o ciclo da pesquisa. Uma ciência que coleta dados em Libras, mas publica exclusivamente em

formatos inacessíveis à comunidade participante, mantém incompleta a democratização do conhecimento.

Com base nesses estudos, podem ser destacados alguns princípios para investigações futuras: planejar a presença da Libras desde o início do projeto; escolher técnicas de produção de dados coerentes com a modalidade visual-espacial; preservar registros audiovisuais como fontes primárias quando pertinente; explicitar o papel do pesquisador surdo no desenho e na interpretação da pesquisa; incluir validação comunitária quando o objeto envolver repertórios linguísticos ou culturais; e prever formas acessíveis de devolutiva e divulgação científica. Tais princípios não devem funcionar como protocolo rígido, mas como critérios de coerência entre objeto, língua, participantes e método.

Por fim, a produção científica de pesquisadores surdos amplia o campo acadêmico ao introduzir questões, práticas e formas de registro que desafiam a centralidade exclusiva do texto escrito. A visualidade, a Libras, a escrita de sinais, os corpora videográficos, os repositórios e a experiência situada mostram que o conhecimento científico pode assumir diferentes materialidades sem abandonar critérios de sistematização e argumentação. Fortalecer a autoria surda implica reconhecer pesquisadores surdos como produtores de conceitos, métodos e interpretações e criar condições institucionais

para que suas produções circulem, sejam citadas e integrem de forma permanente a memória científica.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Daniel Cícero dos Santos; FRANCISCO JUNIOR, Wilmo Ernesto. Sobre os obstáculos e aprendizagens de um estudante surdo na educação superior: transição entre graduação e pós-graduação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 18, n. 37, e21347, 2025. DOI:

<https://doi.org/10.20952/revtee.v18i37.21347>. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/21347>. Acesso em: 18 set. 2026.

BARROS, Leonardo Ribeiro de; SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Produção acadêmica: resumo expandido em Libras. **TradTerm**, São Paulo, v. 45, p. 265-287, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v45p265-287>. Disponível em: [https://revistas.usp.br/tradterm/pt\\_BR/article/view/212147](https://revistas.usp.br/tradterm/pt_BR/article/view/212147).

Acesso em: 5 jul. 2026.

BASÍLIO, Margarida. Teoria lexical. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BATTI, Crisiane Nunes Bez; STUMPF, Marianne Rossi; LUCHI, Marcos. Reflexões sobre Capacitismo de Surdos e suas implicações: um estudo a partir da análise das práticas discriminatórias no Edital do Processo Seletivo de Professores Temporários em Santa Catarina. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 38, p. 1-20, 2025. DOI:

<https://doi.org/10.5902/1984686X92475>. Disponível em:

<https://www.periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/92475>. Acesso em: 12 jul. 2026.

BORGES, Margarida Rodrigues de Andrade; ALVES, Edneia de Oliveira. A presença da polifonia em obras verbo-visuais de autoria surda. **Ensaio Pedagógicos**, Sorocaba, v. 8, n. 3, p. 63-78, set./dez.

2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/enp.v8i3.382>. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/382>. Acesso em: 16 jul. 2026.

DE CICCIO, Nuccia Nicole Theodoro; SILVA, Flavio Eduardo Pinto da. Surdez e acesso ao conhecimento científico: 20 anos de Projeto Surdos-UFRJ e INES. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 106-120, jul./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.20395/revesp.2025.63.1.106-120>. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1946>. Acesso em: 14 set. 2026.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; CAMPELLO, Ana Regina e Souza; RIBEIRO, Tiago da Silva; SILVA, Erliandro Felix; FRANCIONI, William Velozo. Libras como língua minoritária: estratégias de acesso e circulação do conhecimento científico produzido sobre e pela comunidade surda. **SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 195-213, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.36704/sciasls.v1i1.6802>. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/6802>. Acesso em: 21 jul. 2026.

LIRA, Wilsynnara Melo da Silva; VIANA, Flávia Roldan. Objetos de aprendizagem acessíveis para surdos: vídeo tutorial em Libras sobre submissão de projetos de pesquisa na Plataforma Brasil. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, n. 58, p. 1-15, jun./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/43475>. Acesso em: 26 jul. 2026.

MENDES, Rodrigo Geraldo. Documentar para incluir, não apagar: considerações metodológicas para a construção de corpora de sinais-termos especializados em Libras. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 26, n. 2, e26206, maio/ago. 2026. DOI: <https://doi.org/10.47677/gluku.v26i02.609>. Disponível em:

<https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/609>. Acesso em: 18 set. 2026.

SANTOS, Paula Tatiane Rocha dos; CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da; RIBEIRO, Nayla Schenka; ALMEIDA, Loraine Maria da Conceição de. Extensão universitária para pesquisadores surdos da graduação e pós-graduação: produção do Currículo Lattes como forma de empoderamento acadêmico. **UFF & Sociedade**, Niterói, v. 4, n. 5, p. 1-18, e040507, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/uffsociedade/article/view/62747>. Acesso em: 28 jul. 2026.

SANTOS NETO, Daniel Neves dos; SALVADORI, Juliana Cristina. Entre ditos e não-ditos, outros sentidos: metodologias em disputas nos discursos e nas práticas escolares na educação de pessoas surdas no contexto inclusivo. **Diálogos e Diversidade**, Jacobina, v. 6, e20112, p. 1-20, 2026. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/rdd/article/view/20112>. Acesso em: 3 set. 2026.

SILVA, Ana Rosária Soares da et al. Epistemologias surdas e a afirmação de uma identidade visual-espacial. **Revista OWL**, Campina Grande, v. 4, n. 5, p. 1-16, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19936435>. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/736>. Acesso em: 30 jul. 2026.

TAVEIRA, Cristiane Correia; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. Monografar em Libras: buscando padrões de escrita em vídeo-registros acadêmicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 498-529, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.12.243>. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/243>. Acesso em: 9 set. 2026.